

# A delicada trama entre a subjetividade e a cultura

Paula Regina Peron

Resenha de Sérgio Telles, *Ensaaios psicanalíticos*, São Paulo, Blucher, 2024, 279p.

Membro ativo do Departamento de Psicanálise desde 1999, Sérgio Telles destaca-se no cenário intelectual brasileiro, em especial no campo psicanalítico e literário. O livro *Ensaaios psicanalíticos* é mais um exemplo da grande envergadura intelectual de nosso autor. Nascido em Fortaleza, formou-se em Medicina e, em São Paulo, foi psiquiatra da Escola Paulista de Medicina em vários serviços de saúde. Participou da primeira equipe da Revista *Veja* e permaneceu publicando artigos em jornais de grande circulação, como *O Estado de São Paulo* e *Valor Econômico*. Foi da primeira turma do Curso de Psicanálise fundado por Roberto Azevedo e Regina Schnaiderman no Instituto Sedes Sapientiae (1975-1979), e foi também professor e supervisor naquele curso (então chamado de Curso de Psicopatologia e Psicoterapia Psicanalíticas e atualmente chamado Formação em Psicanálise) de 1980 a 1990. Atualmente, no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, coordena o grupo Psicanálise e

Cultura e faz parte do corpo editorial da revista *Percurso*. Lançou livros literários desde 1988, e em 2002 recebeu o prêmio de melhor livro de contos do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). No total, Sérgio Telles publicou 15 livros, e atualmente todos eles estão sendo reeditados pela Blucher<sup>1</sup>. Seu último livro é *Peregrinação ao Père-Lachaise*, de 2024.

Em *Ensaaios Psicanalíticos*, Sérgio Telles presenteia-nos com uma seleção de 21 artigos de grande densidade, originalmente publicados em revistas de Psicanálise, em jornais, livros especializados, revistas de ampla divulgação, palestras e diversos tipos de comunicações feitas durante a pandemia de Covid-19. Os artigos apresentam uma linguagem clara e, ao mesmo tempo, de grande profundidade teórica, analítica e crítica.

A seguir, apresento um panorama dos artigos, que revelam, além da erudição do autor, seu interesse pelas relações entre subjetividade e cultura.

Em muitos dos capítulos, Telles analisa tanto os autores quanto suas obras, como, por exemplo, em *A segunda espada – uma história de maio*, de Peter Handke. No capítulo de mesmo nome, Telles entrelaça a queda do nazismo e a liberação da França mencionadas no livro em questão a uma discussão sobre a relevância da democracia e da liberdade. Em outro capítulo, se debruça sobre *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O psicanalista nos conta tanto sobre a vida de Proust quanto sobre as temáticas por ele abordadas, e somos levados a pensar nas articulações entre as temáticas de Proust e Freud. Telles analisa também o conto *O desenho do tapete*, de Henry James, para discutir o ofício do escritor, a partir de um olhar psicanalítico.

As análises literárias apresentadas no livro oferecem a possibilidade de conhecer aspectos dos textos e dos autores examinados, sob um prisma psicanalítico, sempre problematizando a interface psicanálise e cultura. Não somente grandes autores literários são comentados, mas também autores do campo psicanalítico, ou interlocutores da psicanálise, como Derrida, cuja biografia é comentada. A coletânea conta também com

<sup>1</sup> Informações extraídas do site [www.sergiotelles.com.br](http://www.sergiotelles.com.br). Acesso em 23 ago. 2024.

**Paula Regina Peron** é psicóloga pela PUC-SP, psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

DOI: 10.70048/percurso.73.163-165

comentários sobre autores brasileiros, como no artigo acerca da obra *A mente do analista*, de Luís Cláudio Figueiredo. Nela, Figueiredo examina o *furor curandi* dos analistas, valendo-se do livro *O apanhador no campo de centeio*, de J.D.Salinger. Nesse caso, Telles aproveita a oportunidade para destrinchar considerações sobre a mente do analista, em sua articulação com o trabalho analítico propriamente dito e o que é exigido do psiquismo do analista. Aliás, o trabalho psicanalítico é pano de fundo constante dos textos, bem como ficam evidentes as bases psicanalíticas utilizadas.

Há outros artigos que abordam diretamente questões clínicas, como o capítulo 6 “Casos difíceis” – “Díficeis” como, para quem?, onde Freud é retomado conjuntamente com André Green (bastante presente como referência em outros capítulos também), para problematizar quem são os pacientes refratários, e como se apresentam suas resistências. Na obra de Freud, os limites de analisabilidade estavam ligados ao complexo de castração, enquanto Green coloca a relação primária com a mãe como elemento também central. A partir destes autores, Telles desdobra a discussão para a questão da conduta ética do psicanalista, que não se centra no sucesso terapêutico, mas sim em sua disposição de escuta. Encontramos também no livro uma importante discussão sobre a ética da psicanálise, baseada em Freud, Klein e Lacan, e o sentido do trabalho do analista: acompanhar o analisando na busca por sua própria subjetividade perdida no desejo do Outro.

Uma parte dos textos foi escrita durante ou logo após a pandemia, e o autor nos convida a uma reflexão, baseada na psicanálise, sobre a política cáustica, no tocante ao negacionismo, à ascensão mundial recente de movimentos de extrema direita e de líderes populistas e autoritários. O negacionismo, por exemplo, é examinado em seus aspectos históricos, estruturais, econômicos e inconscientes, em um capítulo que evidencia toda a experiência pessoal e grande bagagem cultural do autor. Telles recorre a Freud, Koyré, Arendt, Derrida, Green, Benjamin, entre outros, com vistas a um interessante mapeamento dessa manifestação

crescente, que precisa ser compreendida, para o que Sérgio contribui enormemente, com seu viés psicanalítico. Nas páginas do livro são recorrentes os recursos a grandes filósofos e psicanalistas. No artigo sobre “Política e melancolia”, por exemplo, o autor, em diálogo com Freud, Roudinesco, Derrida, o casal Torok, entre outros, discute as dimensões políticas do luto e as impossibilidades sociais aos processos de elaboração de determinadas perdas.

As considerações sobre as dimensões políticas da vida são trazidas em capítulos cuja publicação original foi feita antes mesmo da pandemia, como o capítulo 12 “Sobre a mentira”, mas que nos ajudam a pensar os cenários políticos atuais, pós-pandemia. Nesse capítulo, Telles comenta os efeitos sociais das mentiras políticas, recorrendo aos filósofos, e fala também da mentira e da verdade na clínica psicanalítica. Fenômenos de nossa contemporaneidade são analisados, como a internet e sua onipresença, para fazer avançar nossas contribuições. A ideologia do consumo é pensada em um dos capítulos, em suas facetas sedutoras, que no capitalismo apelam diretamente aos nossos desejos inconscientes mais regressivos. Assim, somos levados a pensar mais atentamente sobre aquilo que nos atravessa cotidianamente, em nossas vidas e nossas práticas psicanalíticas. Dimensões políticas especificamente brasileiras são igualmente incluídas, como no belíssimo capítulo “Sofridas reflexões”, no qual o autor penetra com profundidade a temática da tortura de Estado, em especial durante a ditadura militar. As dinâmicas psíquicas do torturador e do torturado são evidenciadas com grande impacto sobre o leitor, dado que o autor expõe suas próprias e dolorosas experiências vividas durante a ditadura militar brasileira.

Alguns artigos problematizam questões relativas à família, e aos gêneros (e as interpelações que as questões de gênero provocam na psicanálise), em que Telles traz sua experiência extensa, tanto institucional quanto a de terapeuta familiar. Um exemplo é o capítulo “Família atual: de que família falamos?”, no qual nosso autor descreve e problematiza as formações atuais de família,

recorrendo a Freud e examinando a história familiar do próprio pai da psicanálise, passando pela discussão do segredo familiar e do romance familiar.

Outro exemplo é o capítulo 8 “Psicanálise e ideologia do patriarcado – considerações sobre a ‘masculinidade tóxica’”, com discussões sobre os altos custos trazidos aos homens e à sociedade no geral pela forma como são educados para a competitividade, dominação e agressão. As consequências disso sobre as crianças são problematizadas em “Pensando a respeito de abusos sexuais infantis e da teoria da sedução”, alertando para problemas nas funções paterna e materna. Questões sobre a mãe aparecem em “Uma mãe vê um fantasma – considerações em torno de Laplanche”, que sintetiza ideias sobre o lugar da criança no desejo dos pais, novamente recorrendo à literatura, a novela *A volta do parafuso*, de Henry James. Telles investiga: “até que ponto predomina o mundo externo relacional com seus objetos, o desejo do Outro, que é progressivamente introduzido, fundando e estruturando o sujeito, ou até que ponto as pulsões enquanto forças internas predominam e são projetadas sobre o mundo externo, condicionando-o e distorcendo-o” (p. 226).

As diferenças entre tais postulações teóricas – de um lado a prioridade para a pulsão (Melanie Klein), de outro a força do campo de linguagem anterior à criança (Lacan, Laplanche, Françoise Dolto) – são exploradas em vários capítulos do livro, convocando os analistas a estudar e comparar as divergentes teorizações e seus reflexos em nossas práticas clínicas.

Em outro capítulo – “Reflexões sobre o matricídio” – Telles analisa a questão do poder patriarcal e seus desdobramentos machistas, como uma atualização do ódio à mãe ou como formação reativa aos medos gerados pela figura todo-poderosa aos olhos infantis. O matricídio é também apresentado através da trilogia de Ésquilo, a Oresteia – Agamenon, Coéforas e Eumênides. A presença dos mitos gregos é evidente nas contribuições do livro, e através deles Sérgio Telles explora aspectos teórico-clínicos da psicanálise, como ao comparar, novamente, as diferentes leituras presentes nas linhas teóricas psicanalíticas, descrevendo-as como “vertentes ptolomaicas e copernicanas” (p. 254). Ambas as vertentes já estariam presentes em Freud, mas também desdobraram-se em correntes pós-freudianas, o que Sérgio Telles explora através das personagens gregas.

Nosso autor apresenta suavemente a teoria psicanalítica que habita os espaços da compreensão do psiquismo humano e das formações da cultura, o que combina muito com a ideia de *Ensaaios*. Por isso, seu livro é uma mistura saborosa de polifonias, incluindo os planos singular, cultural, histórico e político. Em suas palavras, minhas impressões sobre seu criativo livro: “Talvez o transporte espiritual que a obra de arte nos proporciona, ao nos tirar da miséria do dia a dia e nos elevar para uma outra dimensão em que se desenrola a ‘verdadeira vida’, se deva ao reassseguramento que ela nos proporciona ao mostrar que, na permanente luta entre as pulsões de vida e de morte, ela, em si, é uma prova incontestável da vitória da criação sobre a destruição” (p. 21).